

projeto
CORDEL
COM A CORDA TODA



na escola



VIAGEM ao Reino Encantado do Cordel

Klévisson Viana | Arlene Holanda



APOSTILA



VIAGEM ao Reino Encantado do Cordel

Klévisson Viana | Arlene Holanda

APOSTILA de CORDEL e XILOGRAVURA



Facilitadores:

Klévisson Viana | Arlene Holanda | Paulo de Tarso
Guilherme Nobre | Evaristo Geraldo da Silva



“ESTE PROJETO É APOIADO PELA
SECRETARIA ESTADUAL DA CULTURA
LEI Nº 13.811, DE 16 DE AGOSTO DE 2006”



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

VIAGEM ao REINO Encantado do Cordel



Klévisson Viana | Arlene Holanda

Xilogravuras
MAÉRCIO SIQUEIRA

EDIÇÃO:



ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES, TROVADORES
E FOLHETEIROS DO ESTADO DO CEARÁ

AESTROFE - Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará
CNPJ: 08.777.434/0001-04
Av. Bezerra de Menezes, 2071 - Sala 208 - São Gerardo - Fortaleza - Ceará
CEP: 60.325-004 | (85) 3217-2891

CO-EDIÇÃO: **TUPYNANQUIM**
EDITORA



Tupynanquim Editora de Livros e Folhetos S/S LTDA.
CNPJ: 00.503.873/0001-17
Rua Abílio Martins, 665 - Parquelândia - Fortaleza - Ceará
CEP: 60.455-472 | (85) 9 9675-1099

IMPRESSÃO:

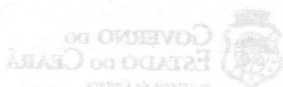


Grafica e Editora Assis Almeida LTDA.
PREMIUS EDITORA

Textos, diagramação e organização:
Klévisson Viana

Gravuras:
Maércio Lopes e Klévisson Viana

Colaboraram com esse trabalho:
**Arlene Holanda, Rouxinol do Rinaré
e Evaristo Geraldo da Silva**



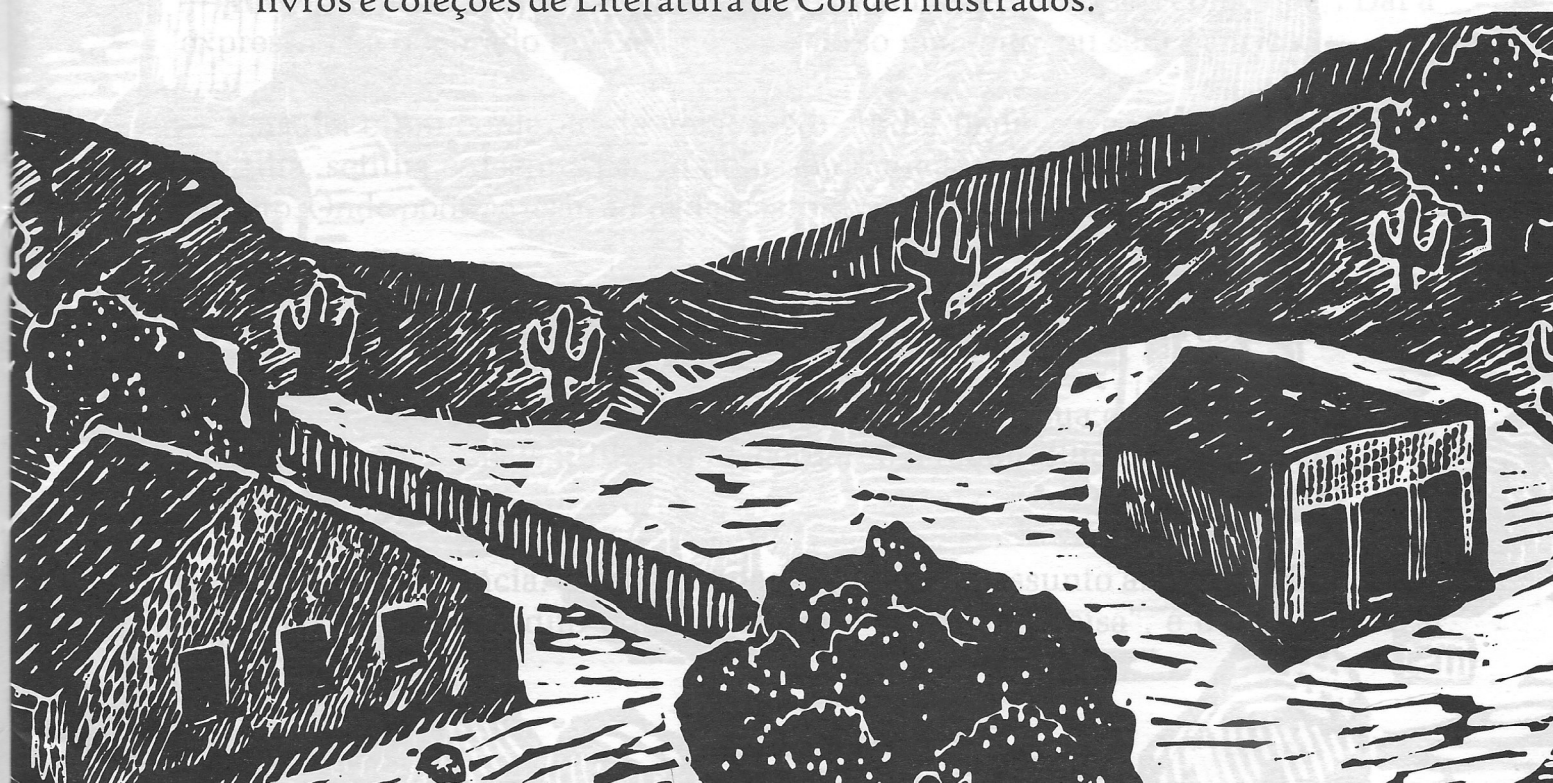
SECRETARIA DE CULTURA
ESTADO DO CEARÁ





A Educação no Brasil, no Nordeste em especial, tem uma dívida imensurável com a Literatura de Cordel. Milhares de nordestinos aprenderam a ler através dos romances e folhetos de cordel. É uma linguagem de fácil compreensão, onde os recursos da métrica e da rima emprestam ao texto toda uma graciosidade e ludicidade que nenhum outro gênero literário consegue.

Atualmente o Cordel vem sendo inserido oficialmente em programas educacionais do Governo em âmbito estadual e federal. Os próprios PCN's de Língua Portuguesa (Vol. 2, página 129) indicam o Cordel como gênero adequado para o trabalho com a linguagem escrita. Por sua vez, editoras de todo o Brasil (do Nordeste, Sul, Sudeste etc.) têm apostado no gênero, publicando livros e coleções de Literatura de Cordel ilustrados.





VIAGEM AO REINO ENCANTADO DO CORDEL

INTRODUÇÃO

O termo “Cordel” é de origem provençal (de Provença, na França) e significa cordão ou barbante. Até ser relacionada ao nosso folheto popular essa palavra era desconhecida do povo do Nordeste brasileiro. Nossa Literatura de Cordel (como hoje chamamos) era conhecida por nossos antepassados como romance, folheto ou verso.

Nossos folhetos ganharam a denominação de cordel a partir da década de 70 com a chegada de Raymund Cantel, pesquisador francês, que espalhou por aqui que esses folhetos eram vendidos na Europa em cordéis ou barbantes. Daí veio o termo Literatura de Cordel, até então desconhecido. É interessante lembrar que na própria França, onde o termo teve origem, o folheto era conhecido como Literatura de Colportage.

ESTRUTURA POÉTICA/TEXTUAL DA POESIA DE CORDEL VERSO — ESTROFE — RIMA — MÉTRICA — ORAÇÃO

- **Verso:** cada linha que compõe o poema, também conhecido como “pé”. Daí a expressão pé quebrado que se refere ao verso mal feito, ou sem métrica.
- **Estrofe:** é um conjunto de versos. No cordel pode ser composta em quadra, sextilha, setilha e décima (salvo no caso de uma peleja de cantador recriada no folheto. Onde pode se usar, além dessas, outras diversas formas de estrofes).
- **Rima:** repetição do mesmo som no final dos versos, ou correspondência de sons no final de palavras diferentes. No cordel usamos a rima soante ou consoante.
- **Métrica:** metro, medida dos versos, de acordo com sua quantidade de sílabas poéticas. O metro mais utilizado no cordel é o redondilho maior, que consta de sete sílabas poéticas.
- **Oração:** é coerência, espontaneidade, clareza do assunto abordado, fidelidade ao tema, como diz o dito popular é “dizer coisa com coisa”, é o autor se fazer entender pelo leitor.

EXEMPLOS DE ESTROFES E ESQUEMA DE RIMA

Quadra:

A— Alguém diz que o casamento
B— Não é por sorte, é negócio,
C— Porque se fosse por sorte
B— Não ocorria o divórcio. (José Camelo)



Sextilha:

X-A— Peço a Deus do Universo
A-B— Um versejar cristalino
X-C— Pois vou narrar uma história
A-B— Repleta de desatino
X-D— D'um príncipe que fez de tudo
A-B— Para enganar o destino. (Evaristo Geraldo)



Septilha:

A— Sempre procuro escrever
B— Sobre as coisas do sertão,
C— Pois o meu canto é telúrico
B— (vem das entranhas do chão!)
D— Trago o cheiro da umburana,
D— E o doce do mel da cana
B— Tudo no meu matulão. (Klévisson Viana)



Décima:

A— Então disse o trovador:
B— Eu sou amante da lua
B— Passo a noite pela rua
A— Na porta do meu amor
A— Não sei que coisa é a dor
C— Levo esta vida a cantar
C— Todos gostam de escutar
D— Minha saudosa canção
D— Ao som do meu violão
C— Quem dorme tem de acord
ar
(Leandro Gomes de Barros)



O paraibano Leandro Gomes de Barros
é tido como um dos maiores poetas
brasileiros de todos os tempos
e é reconhecidamente
o pai da nossa Literatura de Cordel

RIMA SOANTE OU CONSOANTE

— Rimam todos os sons a partir da vogal tônica

Exemplos: saúde + juventude | verdade + bondade | linda + infinda,
gramática + informática | resoluto + absoluto, etc...

— **Rima rica:** rima entre palavras de classes gramaticais diferentes.

Exemplos: altar (substantivo) + cantar (verbo) | dela (pronome) + bela (adjetivo) | agora (advérbio de tempo) + chora (verbo), etc.

— **Rima pobre:** rima entre palavras da mesma categoria gramatical.

Exemplos: falasse (verbo) + gritasse (verbo) | corajoso (adjetivo) + bondoso (adjetivo) | horta (substantivo) + porta (substantivo), etc.

— **Rima esdrúxula:** ocorrem entre palavras proparoxítonas.

Exemplos: pálida + inválida | lírica + satírica | ética + estética
matemática + informática, etc.



PALAVRAS QUE TÊM GRAFIA DIFERENTE, MAS RIMAM PERFEITAMENTE

Exemplos: face + falasse | mas + paz | desse + prece | certeza + mesa
peça + essa | compromisso + sumiço | quis + feliz, etc.

Obs.: — Todas as rimas acima citadas se enquadram na classificação de Rima Soante. Rica, Pobre ou Esdrúxula, continuam sendo soante, pois também rimam todos os sons a partir da vogal tônica.

— DEVEMOS EVITAR AS RIMAS APARENTES

(como o próprio termo diz parece que rima, mas não rima).

Exemplos: flor + chegou | fugir + Piauí | verso + peço | ética + genérica
cava + palavra | Ceará + viajar | café + mulher | Brasília + cartilha,



EVITAR TAMBÉM RIMAR PLURAL COM SINGULAR

A métrica do CORDEL

Medimos os versos pela quantidade de sílabas poéticas. Precisamos, então, entender a diferença entre sílaba poética e sílaba gramatical. Teoricamente existem duas regras básicas que diferenciam essas duas formas de contagem silábica, para entendermos a metrificação:

1ª) — Quando, no meio do verso, uma palavra termina com vogal átona e a palavra seguinte começa por vogal aglutinam-se as duas sílabas (a última da palavra anterior e a primeira da palavra seguinte) tornando-se as duas uma única sílaba. Acontece aí uma elisão, a fusão de duas sílabas numa só, por serem pronunciadas de uma só vez.

2ª) — A outra regra, é que contamos a sílaba poética somente até a sílaba tônica da última palavra do verso.

Exemplos:

O CE A RÁ É MEU CHÃO,

1 2 3 4 5 6 7

ON DE GER MI NA A CUL TU RA

1 2 3 4 5 6 7

NO LI CEU DO CE A RÁ

1 2 3 4 5 6 7

ES TOU CUR SAN DO IN FOR MÁ TI CA

1 2 3 4 5 6 7



CURIOSIDADE SOBRE O CORDEL

Segundo a maioria dos pesquisadores, o cordel surgiu na Península Ibérica no final da idade média, quando era chamado de romance ou folheto de feira. Trazidas ao Brasil pelos colonizadores portugueses, essas histórias foram reinventadas e floresceram especialmente no Nordeste, onde sobrevivem até os dias de hoje, sofrendo um processo de revitalização.

PRINCIPAIS MODALIDADES DO CORDEL

As modalidades mais conhecidas e usadas são as quadras, as sextilhas, as sétimas e as décimas.

PRODUÇÃO DO CORDEL NA ESCOLA

Estudo e leitura de cordéis

Para essas atividades de produção do cordel, é muito importante a leitura e estudo prévio de cordéis em sala de aula. Esses cordéis de referência devem obedecer a regras de rima e métrica, para criar um bom referencial de meta a ser alcançada pelo aluno. Escolha temas divertidos, histórias sobrenaturais, enfim os títulos que acha que serão considerados mais interessantes pela turma.

Sugestões de autores antigos:

Leandro Gomes de Barros | João Martins de Athayde | José Pacheco
José Camelo de Melo | Joaquim Batista de Sena | Manoel D'Almeida Filho

Sugestões de autores atuais:

Mestre Azulão | João Firmino Cabral | Arievaldo Viana
Marco Haurélio | Antonio Francisco | Antônio Ribeiro (Bule-Bule)
Evaristo Geraldo | Fernando Paixão | Patativa do Assaré
Paulo de Tarso | Rouxinol do Rinaré | Klévisson Viana

Obras sugeridas

- A chegada de Lampião no inferno
- Romance do pavão misterioso
- A vida de Pedro Cem
- As três folhas da serpente
- O príncipe que fez de tudo para mudar o destino



- O esperado encontro de Coxinha com seu Lunga
- As proezas de João Grilo
- A lenda do Pescador Encantado
- O crime das três maçãs
- As lutas de José do Patrocínio
- O cangaceiro do futuro e o jumento espacial
- Artimanhas de Pedro Malazartes e o urubu advinhão
- O roubo do banco central
- História de Rodolfo Teófilo e a novela Violação



Livros

Todos os livros da coleção PAIC. Em especial, os que dialogam ou seguem a estrutura do cordel.



Banco de palavras rimadas

Fazer um banco de palavras rimadas em torno de um tema.

Ex: mar

- pescador, labor, trabalhador, sonhador
- sereia, cheia, meia, areia
- solidão, imensidão, ilusão, sofreguidão
- peixe, feixe, deixe
- amar, ficar, deixar, delirar, ancorar, fundear
- luz, conduz, reluz, cruz



Dica importante:

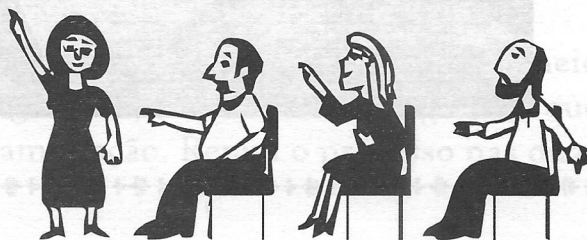
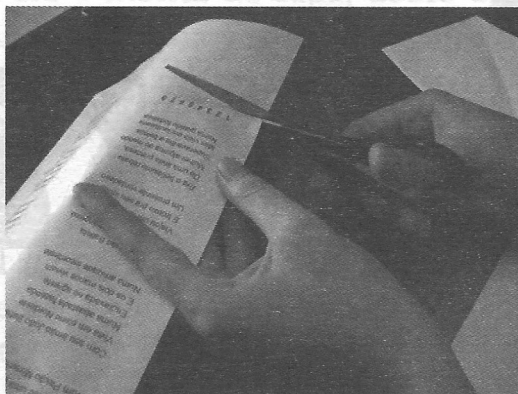
Depois de elaborados, a troca dos textos entre os grupos ou pessoas é fundamental para estimular a produção e melhorar a qualidade das obras.



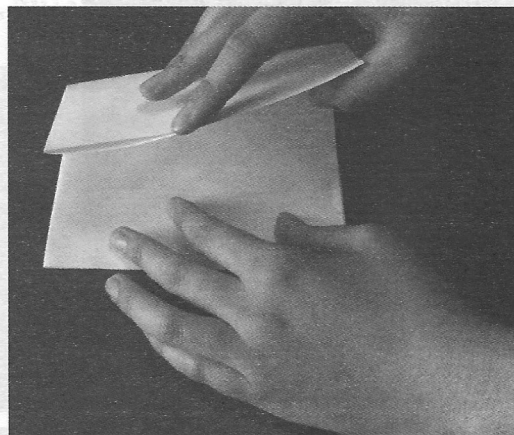
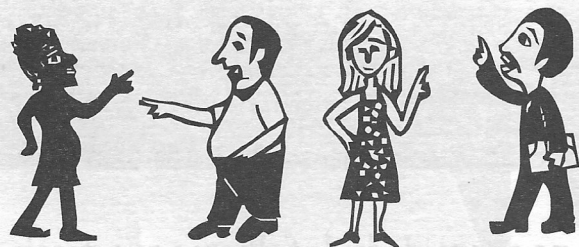
COMO FAZER UM FOLHETO DE OITO PÁGINAS

Miolo:

1) Digite os textos produzidos utilizando o programa Microsoft Word no corpo 12, fonte arial, com entrelinha de 1,5 e seguida imprima.



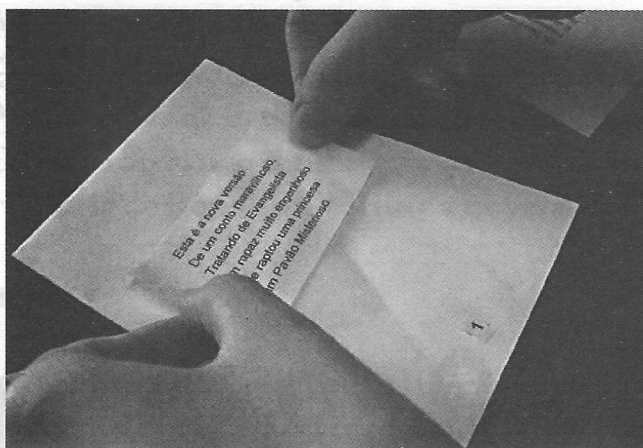
2) Para a matriz do miolo, dobre uma folha de papel tamanho A4 uma vez na horizontal e uma vez na vertical, encontre as pontas para a dobra ficar perfeita.



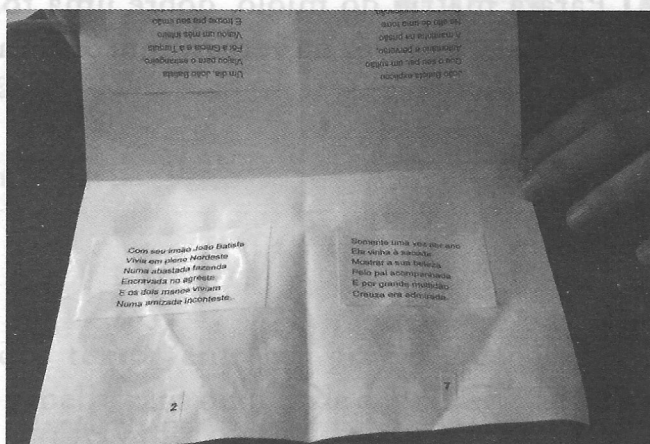
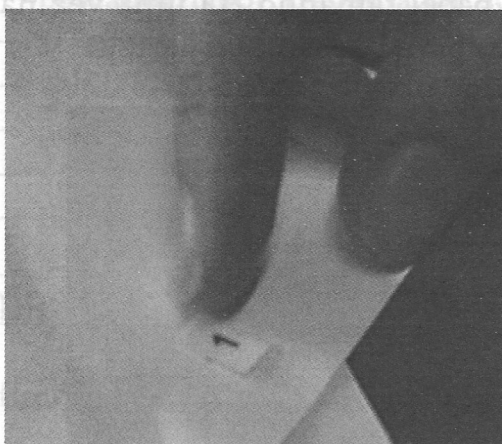
3) Depois dessa operação, numere com lápis sem pressionar muito na borda inferior de cada página dobrada, que deve ser de um quarto do A4.



4) Em seguida recorte a impressão, e cole nas páginas, com a folha já aberta, seguindo a sequência da numeração e do texto, observando a posição da numeração, e centralizando de acordo com os limites do vinco.



5) Depois apague as marcas de lápis ou cole uma numeração impressa a parte em seu lugar.



6) Faça cópias (frente e verso) dessa matriz, na quantidade de folhetos que desejar produzir. O papel usado nas cópias pode ser tipo ofício ou jornal.

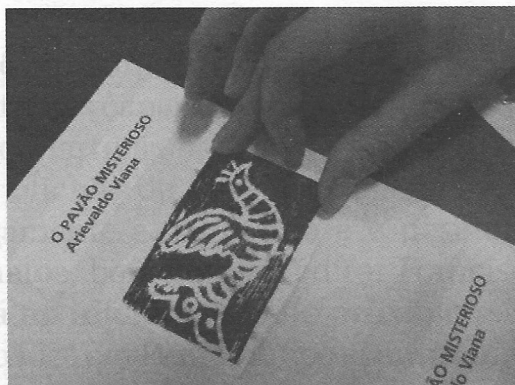
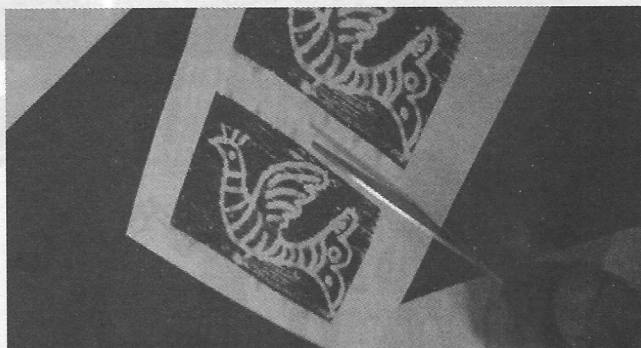
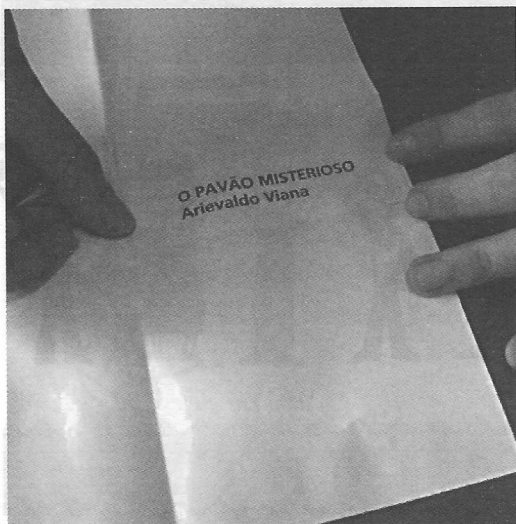
7) Dobre as cópias da mesma maneira explicada no início.

8) Refile com um estilete bem amolado, o mínimo possível, para eliminar a dobra do papel.



Capa:

- 1) Digite o título no corpo 18, na fonte arial bold e o nome do autor/autores no corpo 14, mesma fonte. Imprima 02 cópias.
- 2) Para a matriz da capa, dobre uma folha de papel tamanho A4 uma vez na horizontal e uma vez na vertical, encontre as pontas para a dobra ficar perfeita. Uma folha A4 dá para duas matrizes, por isso pedimos 02 cópias do título e dos autores.
- 3) Cole na parte superior o título e na parte inferior o nome dos autores. No meio cole a cópia da ilustração (desenho, xilogravura, montagem, fotografia) que deverá ser ajustada através de redução ou ampliação. Repita o processo nas duas capas.
- 4) Faça cópias (só frente) dessa matriz, na metade da quantidade de folhetos que desejar produzir. O papel usado nas cópias pode ser tipo colorset na cor da sua preferência, ou papel Kraft, cortados formato A4.
- 5) Separe as cópias com estilete bem afiado, guiando o corte com uma régua.



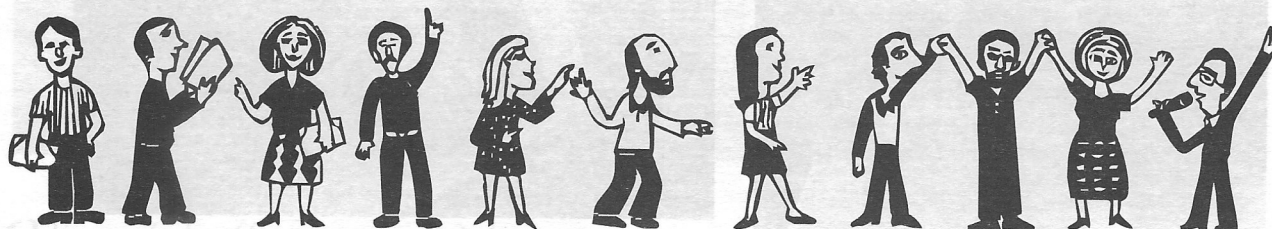
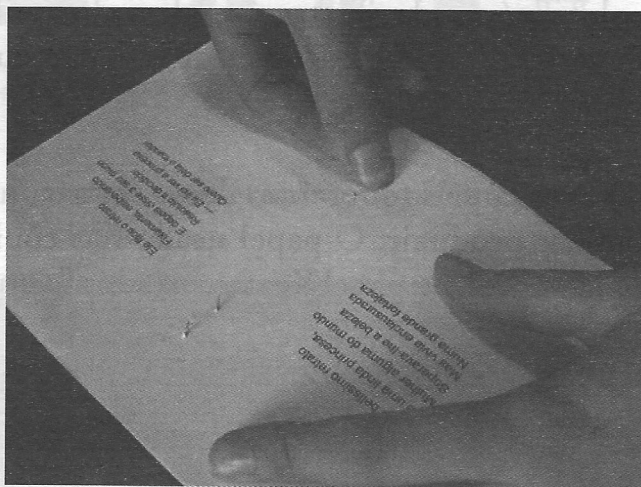
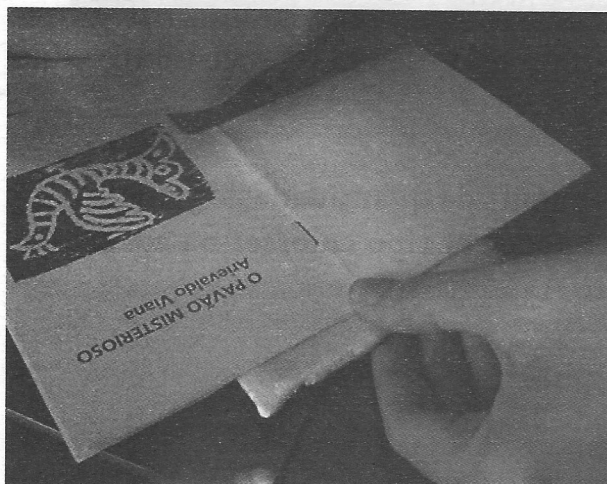
Acabamento do folheto

1) Coloque o miolo dentro da capa

2) Grampeie com o grampeador aberto, sob um pedaço de isopor, com a capa para cima.

3) Em seguida, vire e faça o remate dos grampos. Está pronto seu folheto!

Observação: a mesma técnica pode ser usada para fazer um livrinho de outro gênero: poesia, conto, crônica.





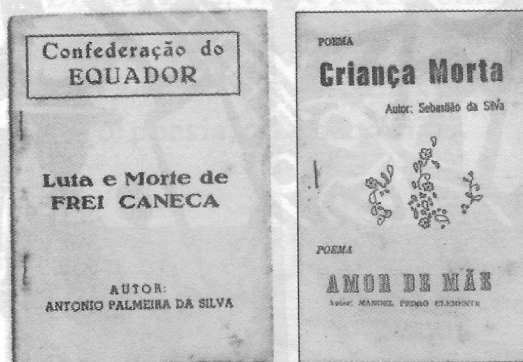
CURIOSIDADE

Você sabia que a xilogravura só começou a ser utilizada em larga escala para ilustrar as capas dos folhetos de cordel de 1950 para cá?

João Martins de Athayde – o maior editor de folhetos dos anos 20, 30 e 40 – além dos clichês de chumbo com imagens de postais e artistas de cinema utilizou largamente a caricatura e o desenho de humor para ilustrar as capas de seus folhetos, bem como o editor Francisco Lopes da editora Guajarina em Belém do Pará no início do século próximo passado. Rodolfo Coelho Cavalcante na Bahia, João José em Pernambuco e outros não fizeram uso da xilogravura.

O FOLHETO E SUAS CAPAS

Quanto às capas, desde os pioneiros até hoje, tivemos várias formas diferentes de capas: capas cegas, capas com fotos de artistas e cartões postais, desenhos e, mais tarde, as capas com xilogravuras.

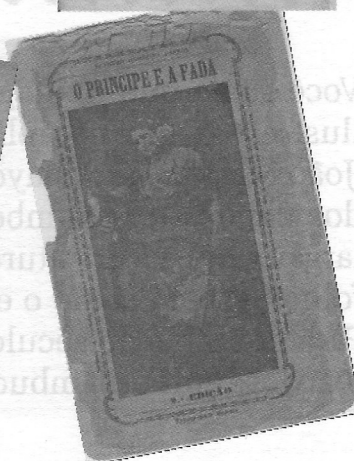


Nos primórdios da Literatura de Cordel, final do Século XIX e início do Século XX, as chamadas **capas cegas** foram bastante comuns. As características principais destas capas, eram que traziam apenas pequenas vinhetas, o título da obra e o nome do ator.



Além das capas cegas, Leandro Gomes de Barros, também utilizou ilustrações humorísticas

Nos anos de 1920, do século passado, as capas trazendo cartões postais, fotografias dos autores e artistas do cinema tornaram-se cada vez mais frequentes e aos poucos foram tomando o espaço das capas cegas. O costume se manteve, mesmo após a xilogravura torna-se uma das principais expressões das capas dos folhetos.



Nas décadas de vinte e trinta do século passado, a caricatura brasileira experimentou sua época de ouro. Naquele tempo, os principais jornais e revistas do País era ilustrados desta forma. O cordel, também, usou amplamente este recurso gráfico de grande aceitação popular. Avelino, caricaturista e ilustrador pernambucano, tornou-se o grande capista da editora do poeta João Martins de Athayde.



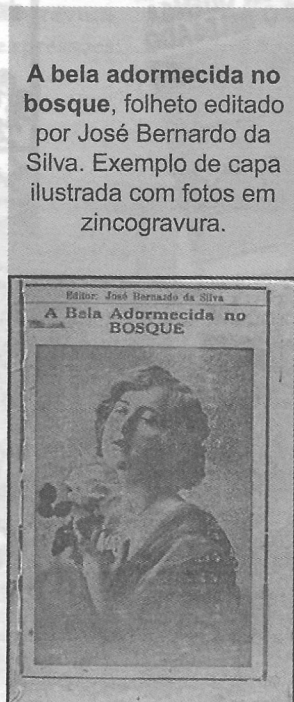
Ao final da década de 40, alguns poetas que não tinham condições financeiras para encomendar um clichê de chumbo, visto que as ilustrações e as fotografias só podiam ser reproduzidas através dessa técnica, passaram a cortar alguns 'clichezinhos' toscos de madeira, na tentativa de ilustrar as suas obras. Nascia ali a xilogravura nordestina, usada comercialmente, nas capas de cordéis. Atualmente, xilogravadores como Stênio Diniz, Dila, J. Borges e Marcelo Soares gozam de fama internacional.



Algumas Capas de Folhetos



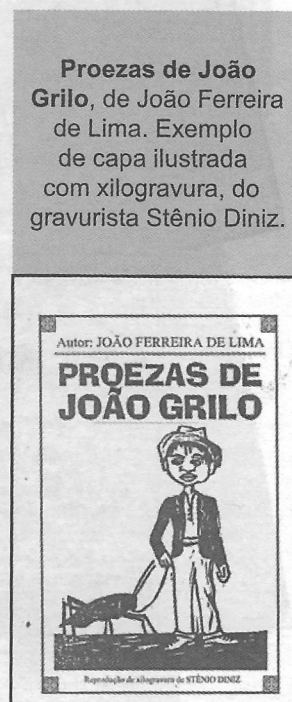
O valentão Horácio Alves da Silva, de Moisés Matias de Moura. Exemplo de cordel com capa cega, isto é, sem ilustração.



A bela adormecida no bosque, folheto editado por José Bernardo da Silva. Exemplo de capa ilustrada com fotos em zincogravura.



A batalha de Oliveiros com Ferrabraz de Leandro Gomes de Barros. Exemplo de capa ilustrada com desenho, do ilustrador Eduardo Azevedo.



Poezas de João Grilo, de João Ferreira de Lima. Exemplo de capa ilustrada com xilogravura, do gravurista Stênio Diniz.

Xilogravura

Criada pelos chineses, a xilogravura é uma antiga técnica de impressão de imagens e textos através da madeira entalhada, o que funciona como um carimbo para impressão da imagem no papel. O método é simples, porém exige muita atenção e paciência. Depois do entalhe na madeira, o desenho em relevo é pintado com uma tinta para impressão para poder ser transferido para o papel. Esta técnica é encontrada em todo Nordeste brasileiro como parte da arte e da cultura da nossa Região. Grandes xilogravadores (como são chamados os artistas que trabalham com essa técnica) são conhecidos nacional e internacionalmente. Neste rol podemos citar Stênio Diniz, J. Borges, Dila, José Lourenço, Maércio Siqueira, Marcelo Soares, Ciro Fernandes e José Costa Leite.



Xilogravura de Klévisson Viana

Como fazer xilogravura passo a passo:

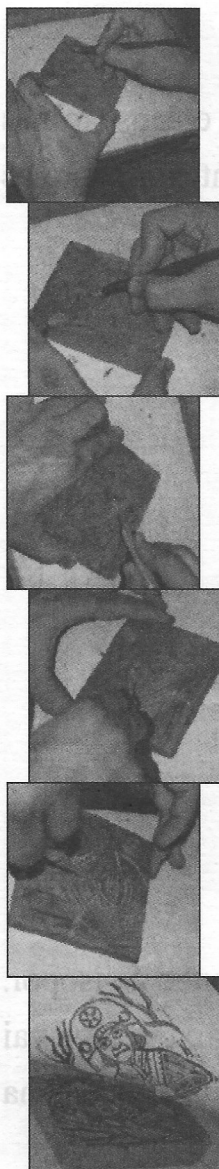
1 - Lixe uma placa de madeira plana. O melhor tipo de madeira para este trabalho é a umburana, madeira típica do sertão brasileiro. Porém pode ser usada qualquer tipo de madeira, de preferência as mais molinhas e boas de corte. Comece por uma lixa bem grossa e depois vai aparando com a mais fina. Começa-se lixando de uma lixa mais grossa até a mais fina possível.

2 - O próximo passo é o desenho. Você pode desenhar a imagem que desejar. Use o grafite 6-B para um melhor resultado. Lembre-se que a imagem deve ser desenhada ao contrário, ou seja, com o efeito espelhado como um carimbo, por exemplo.

3 - Agora é a hora do entalhe ou corte da matriz. Você vai cavar a madeira. Para um melhor resultado, utiliza-se ferramentas como as goivas, buris ou estiletos de cortar papel. Corta-se de uma maneira em que fique em alto relevo somente aquilo que se deseje imprimir no papel.

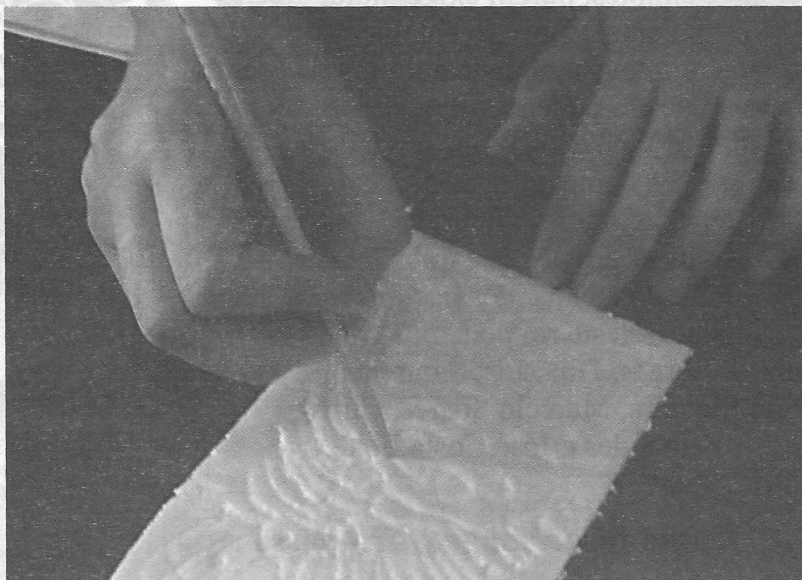
4 - Esta é a fase da pintura. Usa-se o rolo, emborrachado, especial para gravuras, com a tinta gráfica. A tinta irá pintar somente o que está em alto relevo.

5 - Fase da impressão. Geralmente o suporte é o papel, recomenda-se um papel de gramatura maior, mais grosso, e poroso. Coloque o papel sobre a mesa e a matriz por cima do papel. Centralize bem. Vire o material de forma com que, agora, a matriz fique abaixo do papel. Em seguida, aperte o papel contra a matriz (você pode obter ajuda de uma colher ou qualquer tipo de peso). Finalmente, retire o papel e confira o resultado.

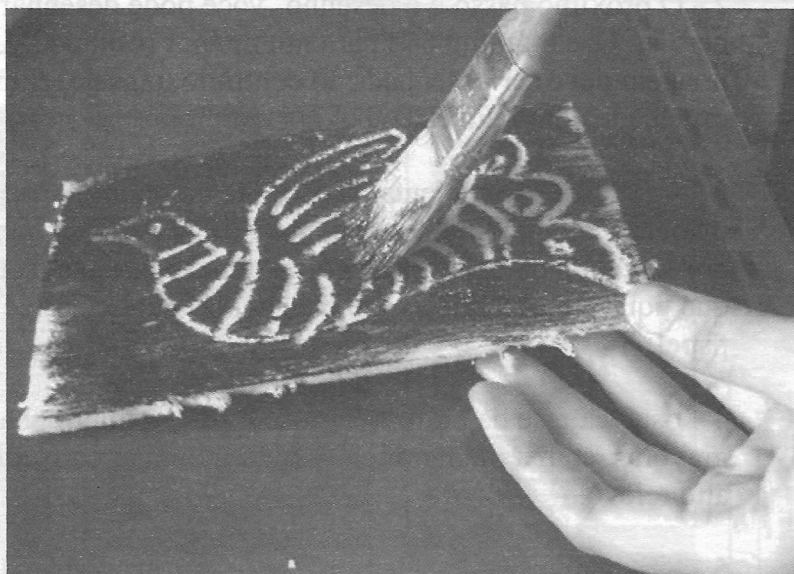


Xilogravura alternativa

Para ilustrar os folhetos de cordel, a xilogravura alternativa, de matriz feita em isopor é prática, bonita, e não fica nada a dever à tradicional. Veja o processo passo a passo:



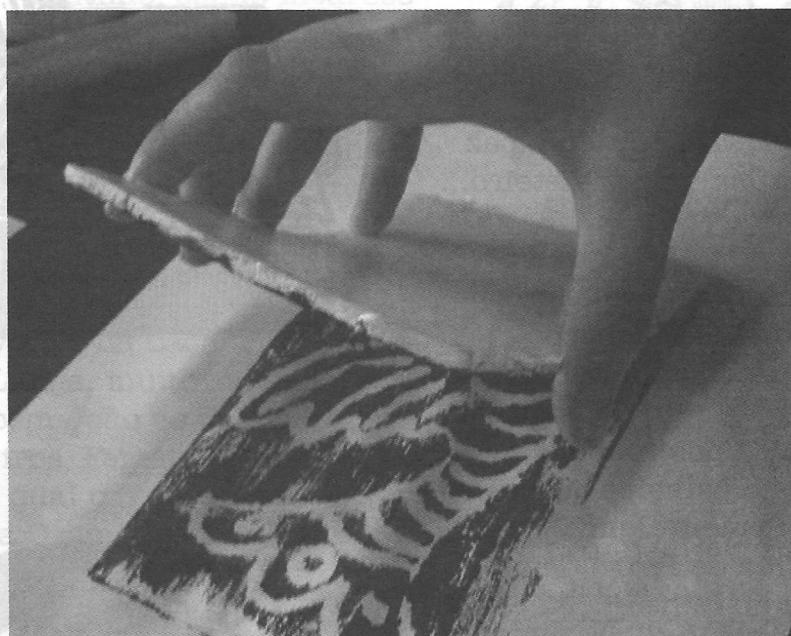
1. Reaproveite bandejinhas de isopor que embalam frutas, carnes e frios (folhas de isopor não servem, pois são muito porosas e pouco resistentes). Retire as bordas com auxílio de um estilete.



2. Com a ponta do cabo de um pincel número 2 ou 4, marque o desenho no isopor. Essa matriz vai funcionar como um carimbo: o que estiver em baixo relevo vai ficar branco e o que estiver em alto relevo vai ficar na cor da tinta utilizada na impressão.



3. Com a matriz pronta, cubra-a com uma camada fina e regular de tinta guache (consistência firme) na cor desejada para a impressão. Caso deseje reproduzir em xérox, a cor ideal é o preto.



4. Vire de uma vez só no papel destinado à impressão. Pressione com firmeza, utilizando a palma da mão ou um pedaço de vidro.

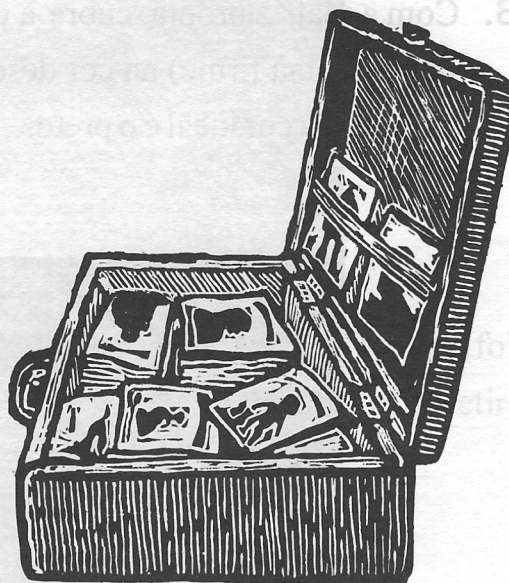
A mala do folheteiro

Autor: Klévisson Viana

Na mala do folheteiro
Tem romance de bravura,
Onde o vaqueiro valente
Estampa sua figura...
No seu cavalo alazão,
Rouba a filha do patrão
Sem temer a pistoleiro
Em defesa da amada,
Tem sua estória rimada
Na mala do folheteiro...



Na mala do folheteiro
Tem romance do Pavão,
Onde o turco Evangelista
Ganhou das mãos do irmão
O retrato d'uma deusa —
A bela condessa Creuza,
Trazido do estrangeiro —
E o pobre do rapaz
Ao vê-la, perdeu a paz
Na mala do folheteiro...



Na mala do folheteiro
Tem Lampião no Inferno,
Que o poeta Zé Pacheco
Escreveu no seu caderno;
Tem dragão, reino encantado,
História de potentado
Tem fada e príncipe guerreiro —
E, para ir mais além,
Tem a Vida de Pedro Cem
Na mala do folheteiro...

Tem estórias de Camões,
De Malazartes, João Grilo,
Tem verso pra todo gosto —
Você escolhe o estilo;
Na tal mala tem cultura,
Desenho e xilogravura
Que encantam o mundo inteiro,
Tem o Nordeste da gente;
Tudo isso está presente
Na mala do folheteiro...



Na mala do folheteiro
 Tem pega de barbatão,
 Tem verso de São Francisco
 E Padre Cícero Romão,
 Dos inúmeros conteúdos
 Que versam sobre Canudos
 E Antônio Conselheiro;
 Veja o Brasil nordestino,
 De Lampião e Silvino
 Na mala do folheteiro...



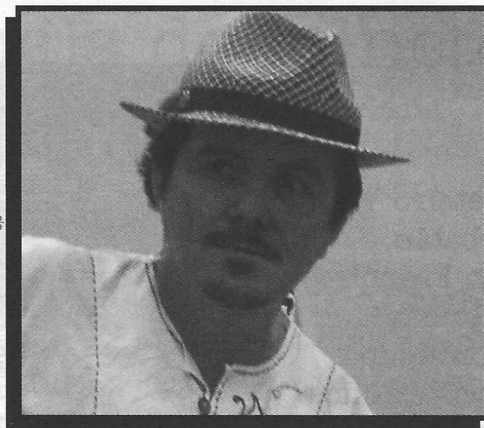
Naquela bendita mala
 Tem valentão afamado,
 Tem Garcia e tem Vilela
 E tem João Desmantelado:
 O último, sendo medroso —
 Pois não tem só corajoso
 No Nordeste brasileiro —
 É só procurar que acha,
 E o vendedor despacha.
 Na mala do folheteiro...



Na mala do folheteiro
 Tem a Quenga e o Delegado,
 O Divórcio da Cachorra;
 Seu Lunga, muito zangado,
 Também João de Calais,
 Oliveiros, Ferrabrás,
 Cada qual o mais guerreiro;
 Tem a Gramática em Cordel,
 Tem poesia a granel
 Na mala do folheteiro...

Na mala do folheteiro
 A que todos têm alcance,
 O folheto é baratinho
 E não é caro o romance,
 Pois este mundo encantado
 Vem sendo muito estudado
 No globo terrestre inteiro:
 Estude, fique instruído,
 Pois o mundo está contido
 Na mala do folheteiro!





KLÉVISSON VIANA é cordelista, cartunista, xilogravador, editor e presidente da AESTROFE – Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará. É também membro da ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel (RJ). Coordena o projeto editorial da Tupynanquim Editora, onde já publicou cerca de mil obras de quase uma centena de autores. Como autor, Klévisson Viana publicou 30 livros e quase 200 folhetos de Literatura de Cordel. Seus trabalhos já “passaram” pelos quadrinhos, televisão e adaptações para o teatro. Destaca-se o folheto "A quenga e o delegado", transformado em episódio da série Brava Gente da Rede Globo. Tem trabalhos publicados em diversas editoras nacionais e internacionais como Chandeigne – Paris (FR), Editora Leya – Lisboa (PT), Editora Hedra – São Paulo (BR), Nova Alexandria – São Paulo (BR), Editora Demócrito Rocha – Ceará (BR), Editora Amarilys – São Paulo (BR), Edelbra – Porto Alegre (RS), Nova Alexandria – São Paulo (BR) dentre outras. Tem outras obras publicadas em antologias na Turquia, Bélgica, Itália e Holanda. Seu currículo consta de diversos prêmios importantes. Foi vencedor seis vezes consecutivas do PNBE – Programa Nacional da Biblioteca Escolar (MEC), três vezes do Troféu HQ Mix, uma vez do PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (MEC) e "Prêmio Jabuti de Literatura" concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) dentre outros. Klévisson Viana coordena eventos culturais, ministra palestras, oficinas e recitais em todo o Brasil e já levou sua arte a países como França, Portugal, México, Cabo Verde e Costa Rica.

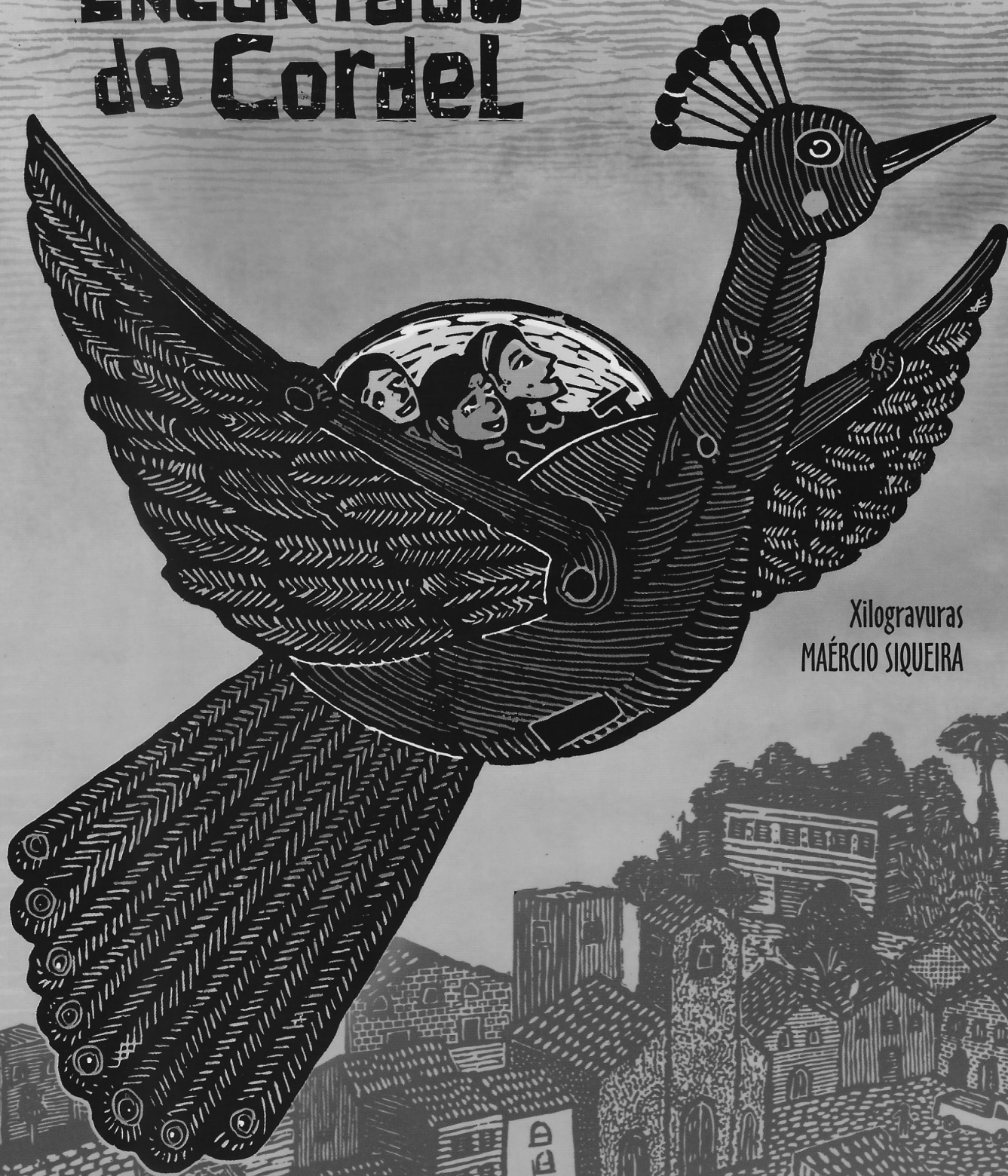


BIBLIOGRAFIA

- HAURÉLIO, Marco. Breve História da Literatura de Cordel, São Paulo: Editora Claridade, 2010
- RINARÉ, Rouxinol; Holanda, Arlene. Cordel, Criar, Rimar e Letrar, Fortaleza: Editora Imeph, 2010
- VIANA, Arievaldo, Acorda Cordel na Sala de Aula, Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2006
- GERALDO, Evaristo, O Príncipe que fez de tudo para mudar o destino, Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2004
- VIANA, Klévisson, Artimanhas de Pedro Malazartes e o Urubu Adivinhão, Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2002
- BARROS, Leandro Gomes, Meia Noite no Cabaré, Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2003
- LOPES, Ribamar, Antologia de Cordel, Fortaleza: Banco do Nordeste, 1985

VIAGEM ao Reino Encantado do Cordel

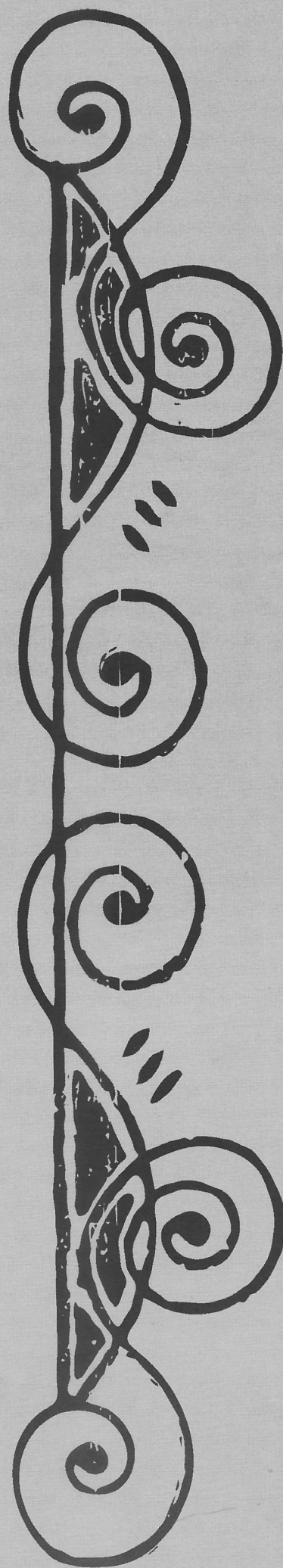
Klévisson Viana | Arlene Holanda

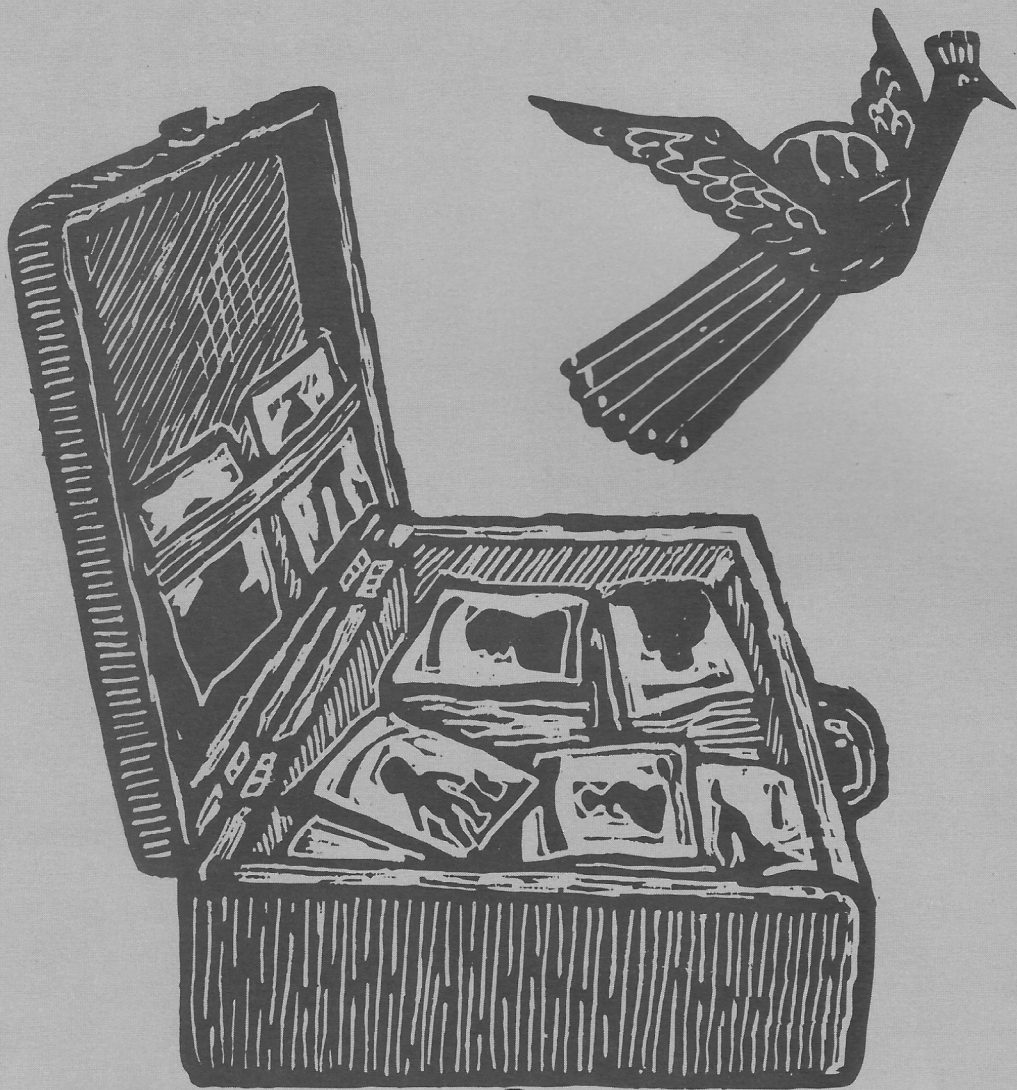


Xilogravuras
MAÉRCIO SIQUEIRA

Aos nossos pais que nos apresentaram o maravilhoso mundo dessas histórias

Aos mestres do passado sempre presentes, que pavimentaram esse caminho que hoje palmilhamos





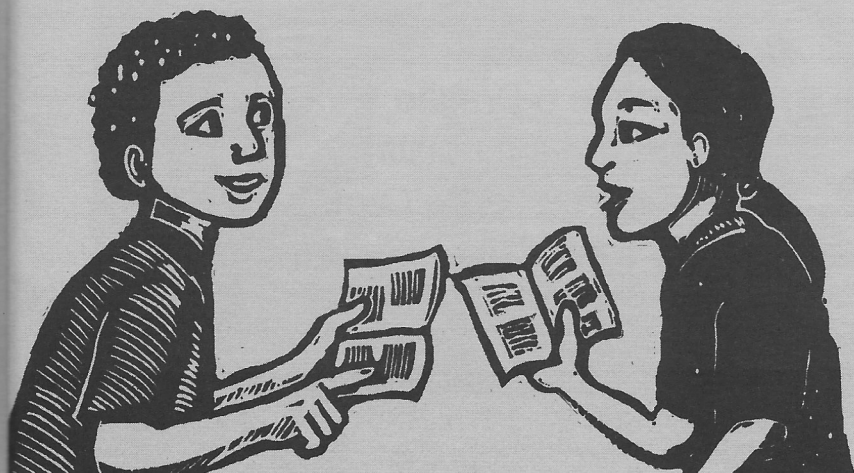
NAS ASAS DO PAVÃO MISTERIOSO

A história secular do cordel no Brasil tem a ver com a aventura editorial de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), paraibano que foi o maior dos pioneiros no gênero, ainda que, sabidamente, não tenha sido o primeiro rapsodo do Nordeste. Leandro, conforme atesta, entre outros, Luís da Câmara Cascudo, foi o mais eclético dos cordelistas, transitando com desenvoltura por todos os assuntos, temas e gêneros, criando enredos que, mais de cem anos depois de sua morte, continuam a ser lidos e a inspirar outros autores. Daí o lugar de honra que lhe reservam os autores deste belo livro infantil, Klévisson Viana e Arlene Holanda. O fio condutor da história, no entanto, é criação de outro gênio, José Camelo de Melo Resende (1885-1964), poeta da segunda geração, que, com seu Romance do Pavão Misterioso, deu à literatura de cordel o seu símbolo mais poderoso.

E é o Pavão Misterioso que nos transporta por esse mundo encantado, em companhia dos protagonistas Kahlil, Maria e Miguel, revisitando cenários e personagens de uma saga constantemente escrita e reescrita. A caixa mágica, que se transforma na ave de metal, é, ela mesma, uma metáfora de outra caixa igualmente mágica: a mala do folheteiro, que em seu bojo conserva todo um universo de histórias cuja origem, difícil de precisar, mergulha no nosso passado mítico. É o cordel, enquanto poesia bárdica, que Klévisson, Arlene e seus pequenos protagonistas nos apresentam nesta encantadora viagem.

Do escuro dessa noite, como cantou Ednardo, o Pavão segue com sua aura de mistério nutrindo imaginações e sonhos desde 1923. Boa viagem!

Marco Haurélio





Lá na Fazenda Ouro Preto
(Na pronúncia de vovó),
Porém, para a matutada,
Era "Toco Preto" só,
Começa nossa aventura
Nas brenhas, no cafundó.

Três crianças bem peraltas
Miguel, Kahlil e Maria
São personagens do enredo
No mundo da fantasia,
Porque onde tem criança
Tem brincadeira e magia.

A vovó Alzira tinha
Uma malinha guardada,
Cheia de cordéis antigos.
Certo dia, a menina
Descobriu esse tesouro
Com muita história encantada.

Tinha o verso de João Grilo,
Um amarelo sabido,
Cancão de Fogo também,
Outro sujeito instruído,
Igualmente a Malasartes,
Que não dava um nó perdido.

A Donzela Teodora,
Cheia de sabedoria,
Juvenal e o Dragão
(Aventura e fantasia)
E a vida de Pedro Cem,
Toda contada em poesia.



Tinha Evangelista e Creusa
Viajando num Pavão
Misterioso, fantástico!
Com aventura e emoção,
Uma história que encanta
Geração pós geração.

No alpendre da fazenda
Ou até mesmo na sala,
Vovó recitava textos
Empostando bem a fala
E o Pavão Misterioso
Fazia parte da mala.

Cada criança presente
Ficava sempre contente
E o Pavão Misterioso
Agradava toda a gente
E os netinhos pediam:
"Vovó, leia novamente!"





O vovô Manoel Lima,
Um cidadão exemplar,
Era dono da bodega
Mais sortida do lugar.
Seu armazém era um mundo
Digno de se admirar.

Tinha secos e molhados,
Guaru, cocada e merenda,
Perfumaria em geral,
Martelo e chave de fenda,
Tecidos pra fazer roupas
Que chamavam de fazenda.

Tinha a famosa zinebra
Que o camponês dava dez,
Tinha até bijuterias,
Miçangas, cordão e anéis
E o caderno dos fiados
Para os fregueses fiéis.

Um baleiro giratório,
A balança Filizola,
Caneta, lápis, papel
Pra menino ir pra escola
E tinha até "apragata"
De couro curtido ou sola.

Tinha papel de embrulho
Que não se vê mais na feira,
Tinha pirulito Zorro
Que a meninada inteira
Gostava dessa iguaria
Duma fábrica, a Campineira.

Caramelos de montão
Feitos na fábrica Embaré,
O povo dos "Quelemente"
Lobo, Cordeiro e Maré
Tinha acesso a tudo isso
Na bodega do Mané.

O prédio bem construído
Tinha três portas na frente
E uma porta lateral,
Onde seu Manoel urgente
Entrava para atender
Um freguês mais insistente.

As sacas de cereais
Ficavam ao pé do balcão
Feito por bom marceneiro
O melhor da região.
Seu Manoel dava conta,
Mesmo com pouca instrução.

Nos fundos da mercearia
Ficava um grande armazém.
Ali tudo tinha um pouco,
Não era um shopping, porém,
Pra uma venda do sertão
Tinha tudo o que convém.

Seu Manoel no comércio
Nunca quis saber de sócio.
O Salim, um velho turco,
Esperto e nada beócio,
Era um dos fornecedores
Do sertanejo negócio.





Veç por outra aparecia
Com os burros carregados
De toda quinquilharia,
Serrotes, pregos, machados...
Pannelas, botijas, malas,
Tudo em novos ou usados.

Nesse dia, seu Salim
Vinha na burra castanha,
Desapeou bem ligeiro,
Chegou em ânsia tamanha
De fazer qualquer negócio,
Cheio de lábia e de manha.

Tão logo chegou à venda
Com sua mercadoria,
Disse: — Bom-dia, Manoel!
Trago de muita valia
Coisas boas que vieram
Da minha amada Turquia.

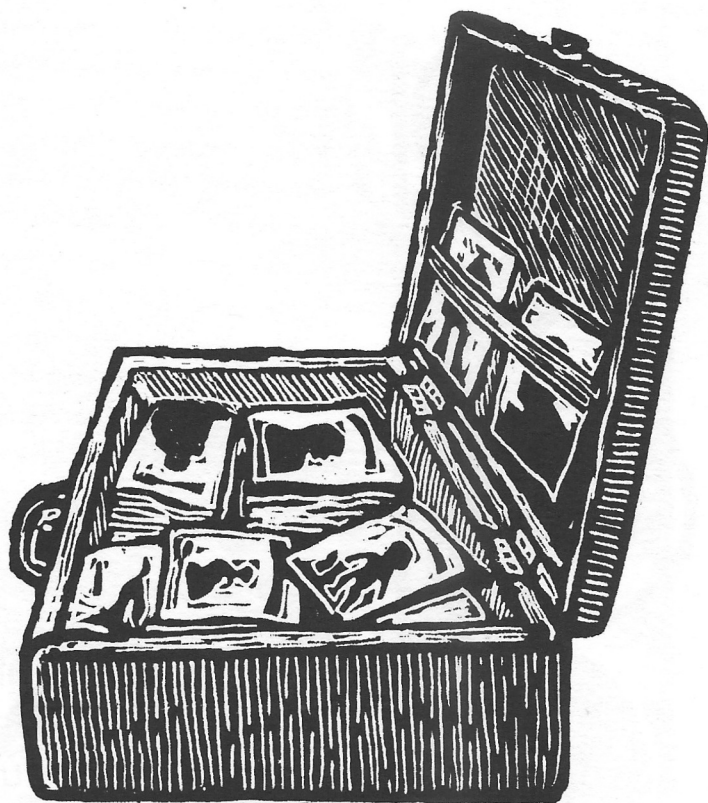
Disse seu Manoel brincando:
— Quanto você quer por tudo?
Disse Salim: — Para o amigo
Já calculei, fiz estudo:
Eu quero 600 réis,
Lhe digo e não fico mudo.

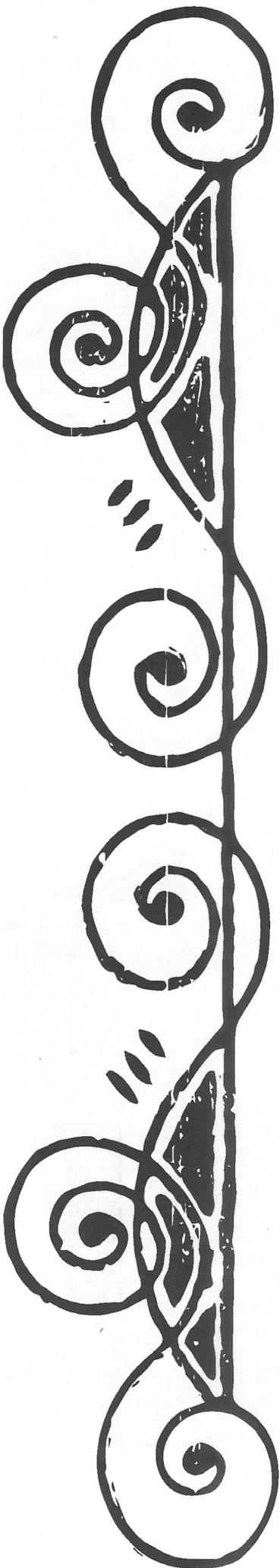
Fez seu Manoel proposta
Em clima de euforia,
Muito abaixo do esperado,
Pois não pensava que iria
Fechar negócio com o turco
Naquela mercadoria.

Lhe pago 200 réis,
Do seu valor é um terço...
Ao que o turco respondeu:
— É menos do que mereço,
Mas eu aceito a proposta,
Concordando com seu preço.

Seu Manoel, que era um homem
Que a palavra cumpria,
Pensou: "Eu estou lascado,
Mas já disse que queria
Não posso roer a corda —
Fico com a mercadoria".

Quando seu Manoel pagou,
O turco feliz sorriu,
Botou a grana no bolso,
Logo após se despediu.
Na sua burra castanha,
Com seu comboio partiu.





Manoel sequer olhou
As compras que ao turco fez,
Viajou pra Canindé,
Ficou por lá quase um mês.
Na sua ausência algo novo
Deu-se ali, vejam vocês.

Miguel, Maria e Kahlil,
Seus netos "do coração",
Brincando no armazém,
Viram um pequeno caixão
Que tinha do lado esquerdo
Um curioso botão.

Com muito esforço levaram
Para o oitão da cozinha,
Explorando aquele achado
Para ver o que continha,
Olharam o dispositivo
Que no dito caixão tinha.

Essa caixa de madeira
Veio na mercadoria
Do velho Salim, o turco,
E os meninos, com alegria,
Apertaram o tal "biloto"
Pra ver o que acontecia.

Quando apertaram o botão
Tomaram um susto tremendo:
Igualmente a um transformer
A caixa foi se mexendo,
Abrindo, tomando forma
De um maquinismo estupendo.





Era um lindo aeroplano
No formato de um pavão.
Tinha a cauda como um leque,
Com alavanca e direção.
Pras crianças, nessa hora
Foi grande admiração.

— Que brinquedo mais legal! —
Disse o pequeno Kahlil.
Maria foi logo entrando,
Miguel aos dois aderiu.
Apertaram um dispositivo
E o pássaro lento subiu...

Ficaram então abismados
Com aquela prenda notória
De um Pavão-aeroplano,
Igualzinho ao da história
Que a sua avó contava
E eles tinham de memória.

Quando os três se acomodaram
No estranho aeroplano
Ouviram uma saudação
Que anunciava um plano:
— Vamos viver aventuras
No céu, terra e oceano.

Sejam bem-vindas, crianças,
A esse alado corcel!
Fiquem atentas, preparadas,
Peguem lápis e papel;
Vamos conhecer o Reino
Encantado do Cordel.

Os três gritaram contentes:
— Mas que avião "maneiro"!
E o Pavão continuou
Voando bem altaneiro,
Informando aos tripulantes
Seu encantado roteiro:

— Minha história já conhecem,
Sei que sua avó contou.
Eu "nasci" lá na Turquia,
Um rapaz me encomendou.
Quando ele casou com Creusa,
Minha missão terminou.

Creusa e Evangelista
Viveram seu amor belo,
O destino, antes cruel,
Se tornou um caramelo,
E aos poucos fui ficando
Esquecido no castelo.



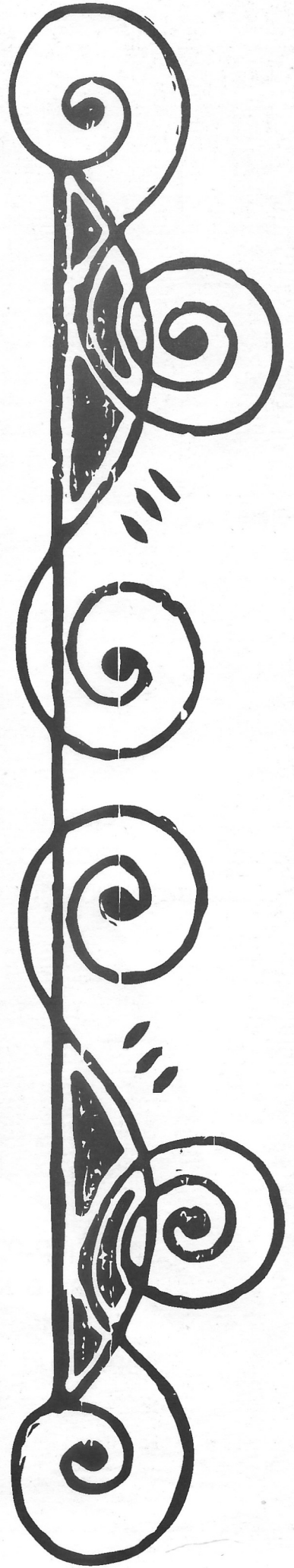
Disfargado nessa caixa,
Sem ninguém imaginar
Dos meus poderes secretos
De pelos ares voar,
Na esperança de um dia
A minha sorte mudar.

Perdi a conta dos anos
Dessa espera de agonia,
Mas um dia uma criada,
Que vantagem em tudo via,
Me vendeu pra seu Salim,
Um mercador da Turquia.

Atravesssei oceanos
Fui parar no armazém
Do seu avô Manoel,
Que grande coração tem.
Então, vocês me acharam
E o dia começou bem.

Continuando o roteiro
Dessa viagem encantada,
Um reino muito distante
É nossa próxima parada:
É lá que vive uma fera
Monstruosa e desalmada.

Nesse instante os três meninos
Tiveram um pouco de medo:
Do valente Juvenal
Já conheciam o segredo,
Mas ver tudo de verdade
Mudava todo o enredo.





MS



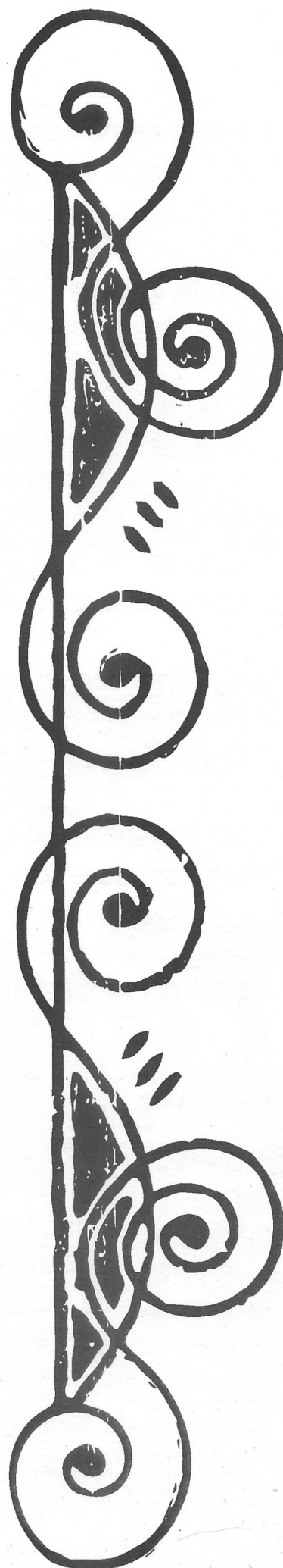
O Pavão logo tratou
De mandar uma mensagem:
— Vocês estão protegidos
Pela minha fuselagem.
Podem ficar descansados
E apreciar a paisagem.

Sobrevoaram aldeias
Com carneiros e pastores,
Castelos e pradarias,
Todas bordadas de flores.
As três crianças estavam
Encantadas com tais cores.

Logo viram uma montanha
De tamanho sem igual.
Lá no alto uma caverna
De boca descomunal
E presenciaram a luta
Do valente Juvenal.

Viram quando esse mancebo
Lutou com muita bravura
E, ajudado por seus cães,
Venceu feroz criatura
Livrando a linda princesa
De sinistra sepultura.

Miguel, Maria e Kallil
Aplaudiram Juvenal,
Mas o melhor da história
Aconteceu no final
Quando o nosso herói entrou
Para a família real.



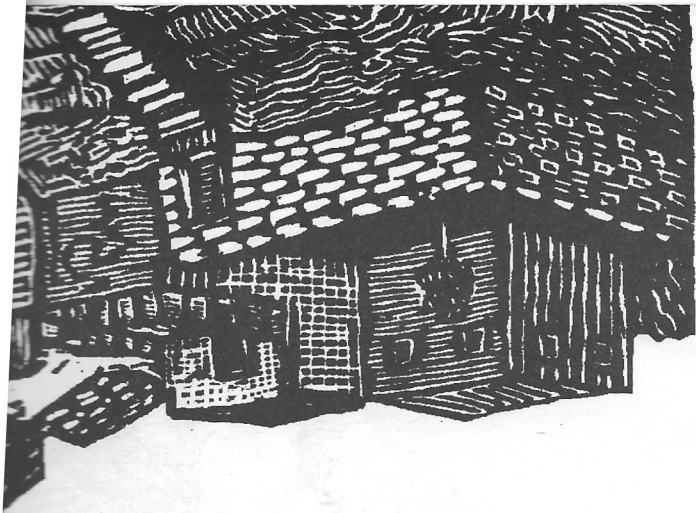
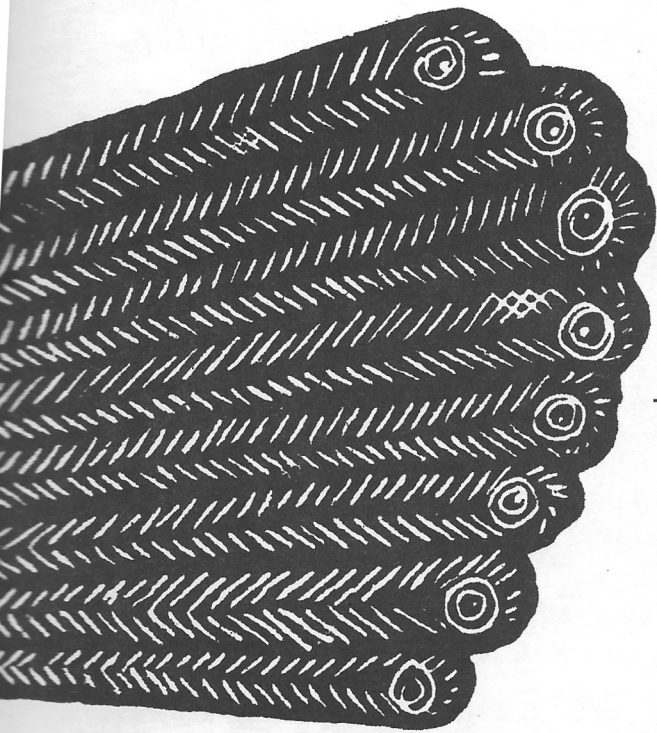
Agora vamos partir
Em oposta direção,
Lá para o reino de Túnis,
Para uma grande atração,
Onde a sábia Teodora
Nos ensina uma lição.

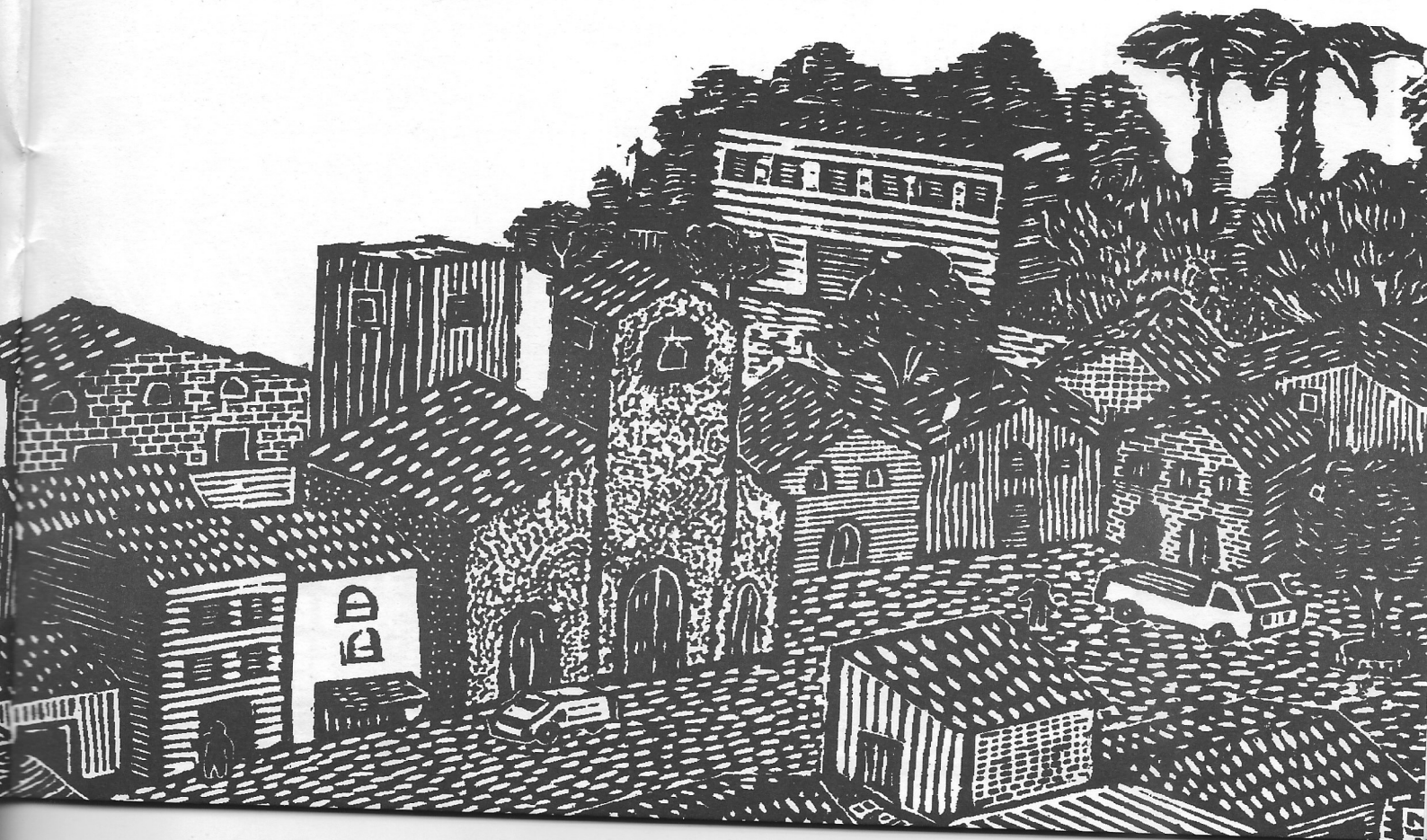
E perguntou às crianças:
— Vocês conhecem a história
De uma donzela escrava
Que conquistou ouro e glória,
Desafiando três sábios
Com sua incrível memória?

— Conhecemos, sim senhor! —
Falaram em coro os três.
O Pavão pousou no pátio
E então chegou a vez
De assistirem ao duelo
Sem senão e sem talvez.

Perguntaram: — Qual a coisa
Que pode ser mais ligeira?
Ela disse: — O pensamento,
Que voa de tal maneira
Que vai ao cabo do mundo
Num momento que se queira.

O sábio admirou-se
Da resposta da donzela
Continuando o duelo,
Que era vencido por ela;
Quem não era convidado
Espiaava da janela.









E bolou uma pergunta
Pra derrotar Teodora:
— Qual o animal que anda
— Falou nessa mesma hora —
Com quatro, dois e três pés?
Me responda sem demora.

A Donzela respondeu:
— O homem é esse animal!
Quando bebê engatinha
De quatro pés afinal,
Depois anda com dois pés
E com três pés no final.

— Pois precisa da bengala
Para seu passo amparar,
As suas pernas cansadas
Não consegue comandar.
Pronta estou pra responder
O que o senhor perguntar.

Nesse momento os presentes
Muito aplaudiram a donzela.
O salão tava lotado
Para assistir à querela.
O rei pensava consigo:
“Eu caí numa esparrela”.

Quando a Donzela por fim
Derrotou os oponentes,
Miguel, Kallil e Maria
Ficaram muito contentes
E partiram no Pavão
Pra destinos diferentes.

Os meninos perguntaram:
— Onde nós vamos agora?
E o Pavão lhes respondeu
— Nesse instante, sem demora,
Vamos conhecer João Grilo,
Um cabra muito "da hora";

Com seus "primos" Malasartes,
João Leso e Canção de Fogo,
Dá nó em pingo de chuva,
Cura galinha de gogo,
Astucioso e ladino,
Desmascara demagogos.

Aprontou com o vigário,

O bispo e o sacristão,
Com o dono da padaria
Fez lambanga de montão,
Botou o rei no seu bolso —
Eita Grilo sabichão!

Quando o ladino monarca
Perguntou pra lhe enganar:
— Onde é o meio do mundo?
Respondeu, sem vacilar:

— Como o mundo é bem redondo,
O meio é qualquer lugar.

— Ora, ora! Viva o Grilo!

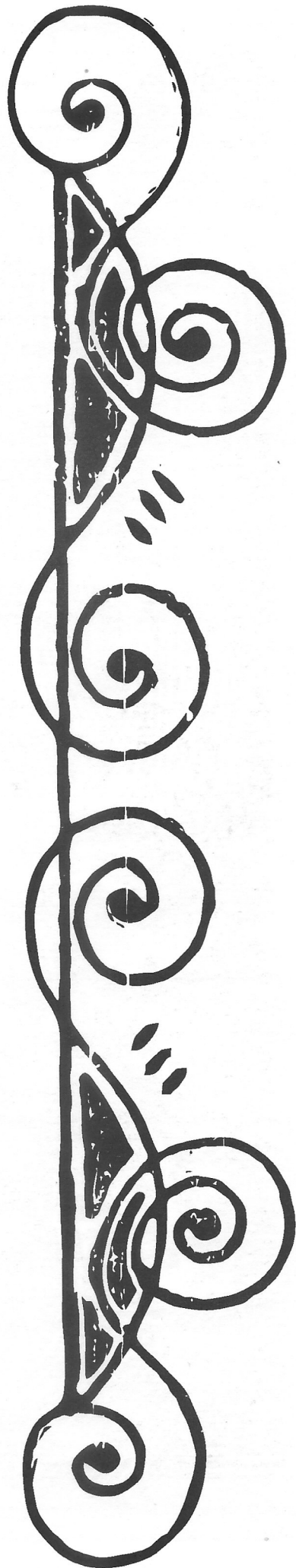
Eita amarelo danado! —

Gritaram as três crianças,

Achando tudo engragado.

O passeio no Pavão

Era maneiro e irado!





Essa viagem encantada
 Parecia não ter fim
 Nas asas desse Pavão
 Da caixa que o tal Salim
 Vendeu ao vô Manoel,
 Coisa de magia, enfim.
 No Reino do Vai-não-torna,
 Tomaram torrada e chá;
 Com o bicho Manjaleu
 Viram um moço duelar,
 Embarcaram na missão
 Com o bravo príncipe Oscar.

Vaqueiro misterioso,
 Boi encantado, princesa,
 Nada ficou esquecido,
 Muita magia e beleza,
 Palácios, encantarias
 Do reino da natureza.
 Foram ao céu ver a chegada
 Do temido Lampião,
 Encontraram Mariquinha,
 Cheia de amor e paixão,
 E torceram para o valente
 José de Sousa Leão.



O Reino da Pedra Fina
Foi por eles visitado,
Também o príncipe Lagarto
E muito bicho encantado,
Boi, cavalo e papagaio —
Tudo ficou registrado.

Depois de tanta aventura,
Os três quiseram saber:
— Como nascem essas histórias?
Quem começou a escrever
Esses versos de cordel
Que a gente gosta de ler?

O Pavão disse: — Preciso
Consultar os meus arquivos,
Pois muitos desses autores
Não são do mundo dos vivos,
Mas os enredos que contam
São deveras atrativos.

As histórias que conhecem
Recontadas no cordel
São mais antigas que livros
De trovador, menestrel
Que brilham para alegrar
E adoçar feito mel.

Estão no verso do cego,
No jongo, na cantoria,
Na ciranda, no reisado,
São contadas todo dia
Pela mãe que embala o filho
De noite na calma-ria.

Adoça a tarde no alpendre,
O pouso do comboieiro,
Agrada a tarde da feira
Sobre a tenda do vendeiro,
Encanta homem e menino
Por esse Brasil inteiro.





Os primeiros que rimaram
 Foram botando "seus pontos",
 Aumentando suas glórias
 E elas foram repassadas
 Nos folhetos, nas memórias.

Esses livretos surrados
 Eram festa no sertão,
 Relidos e recontados,
 Passavam de mão em mão,
 Perpetuando as histórias
 Para cada geração.

Tem história da Europa,
 Tem do Antigo Oriente,
 Do continente africano —
 Em todo canto tem gente
 Contando e fantasiando
 De maneira diferente.

Também história engraçada
 Do homem que pôs um ovo
 Causos sobrenaturais
 Correm na boca do povo
 Nos folhetos de cordel
 Há sempre algo bom e novo.

Os cordeis também serviam
 De modo fenomenal
 Para informar ao povo
 Quando não tinha jornal
 Sobre crimes e tragédias
 Do sertão à capital.





E vocês têm muita sorte,
 Pois acabei de saber:
 Recebi uma mensagem
 Que hoje vai acontecer
 Um encontro de poetas —
 Hoje a terra vai tremer.

O lugar foi escolhido:
 O Reino da Pedra Fina
 Não vai faltar cavaleiro,
 Homem, mulher e menina,
 Dragão, fada, cangaceiro
 Dessa terra nordestina.

A mesa está enfeitada
 Com toalha de chitão.
 Temos o grande Leandro,
 José Camelo e João
 Athayde, bandeirantes
 Dessa cultural missão.

Leandro Gomes de Barros
 Foi um grande pioneiro,
 Mestre em dramas e comédias,
 Dono de um verso certo,
 Construiu uma fortaleza
 Com seu Marco Brasileiro.

João Martins de Athayde
 Vislumbrou um esplendor:
 No Recife fez história,
 Mostrou da arte o valor.
 Dos anos 20 aos 40
 Foi o maior editor.



Lá em Belém do Pará
Um lutador incontestado
Chamado Francisco Lopes
Funda a Guajarina e investe,
Como bom pernambucano,
Na poesia do Nordeste.

José Camelo de Melo
Resende foi quem criou
O Pavão Misterioso
Que na Turquia voou
Com Evangelista e Creusa,
Em clássico se transformou.

Outro José, o Bernardo,
Batalhou em Juazeiro
Com sua tipografia ,
Editor e folheteiro
Que divulgou o cordel
Por esse país inteiro.

Joaquim Batista de Senna
Tinha verve genuína,
Veio lá da Paraíba
Para cumprir sua sina
De poeta e editor
Nessa terra alencarina.

"Graças Fátima" era o nome
Da sua tipografia.
Radicado em Fortaleza,
Escreveu com maestria
De norte a sul do país
Pôde espalhar poesia.



Lá no Sudeste, em São Paulo,
 Seguindo noutro roteiro,
 A Editora Prelúdio,
 Com trabalho pioneiro,
 Vem resistindo até hoje
 Com o nome de Luzeiro.

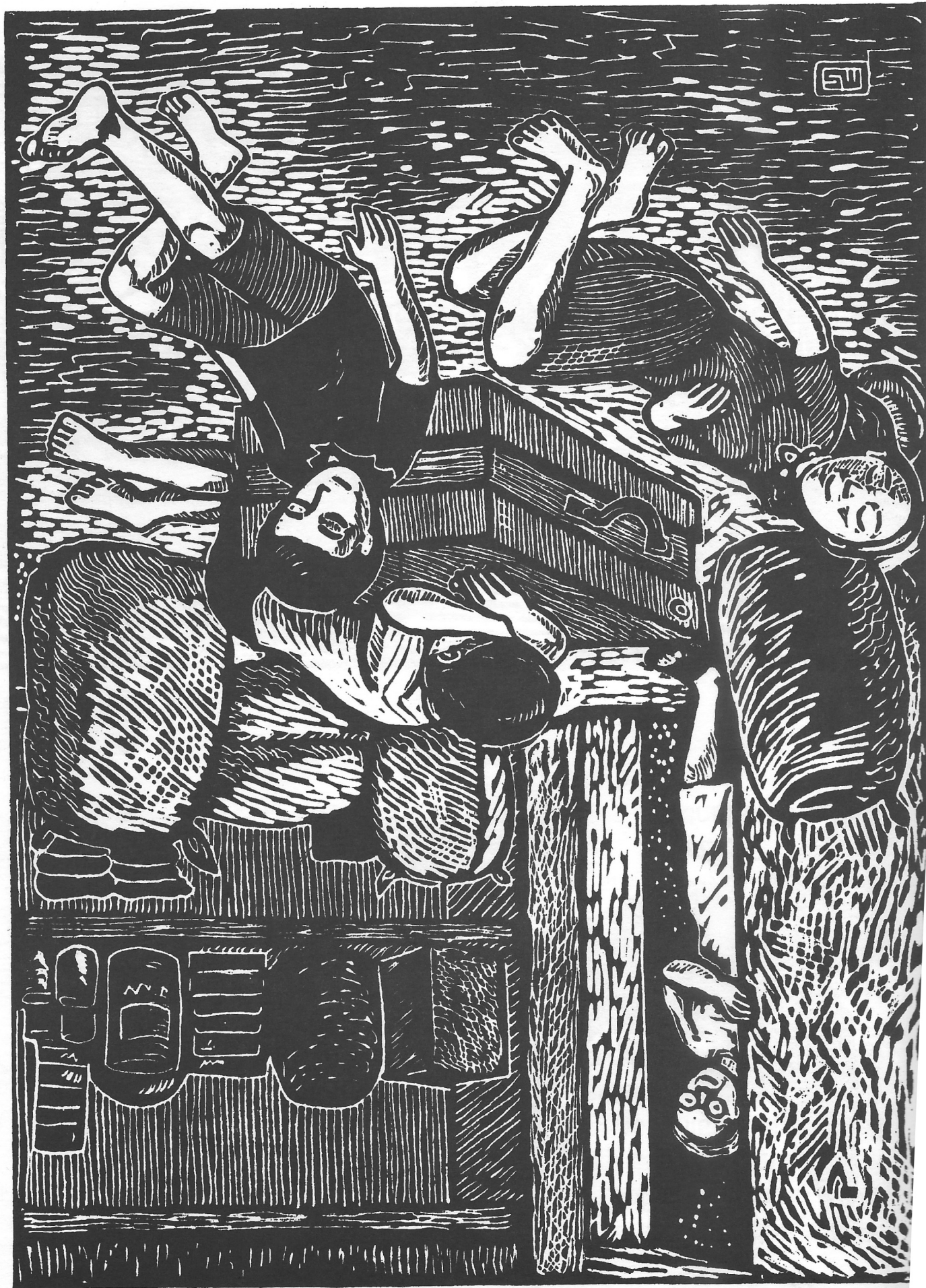
Na bonita Aracaju
 Manoel d'Almeida Filho
 Foi o rei da poesia,
 Teve êxito e teve brilho,
 Ao lado de João Firmino
 Que adotou como filho.

Manoel Camilo dos Santos
 Teve a Estrela da Poesia
 Na bela Campina Grande,
 Com encanto e com magia,
 Escreveu São Saruê,
 No carro da fantasia.

Mestre Rodolfo Coelho,
 Lá na grande Salvador,
 Publicou muito cordel,
 Foi grande batalhador
 Da classe dos cordelistas
 Que defendeu com fervor.

Depois de tanta aventura
O Pavão anunciou:
— Já é hora de voltar;
O dia já acabou! —
Voou ligeiro nos ares
E no armazém pousou.





As crianças bem felizes
Falavam sobre a jornada
E o Pavão voltou à forma
De uma caixa empoeirada
Do mesmo jeito em que fora
No armazém encontrada.

E lá longe, na fazenda
De Ouro Preto chamada,
Vó Alzira, bem aflita,
Procurava a netarada:
Encontrou-os no armazém,
Numa pose inesperada.

Miguel, Kalil e Maria
Dormiam sobre um caixão
De madeira, empoeirado,
Escondido no fundão.
Nenhum adulto deu conta
Do referido botão.

No outro dia acordaram
E lembraram outra vez
Da aventura vivida
Mas fora um sonho talvez.
Esse segredo seria
Bem guardado pelos três.



Kleivsson Viana (autor)

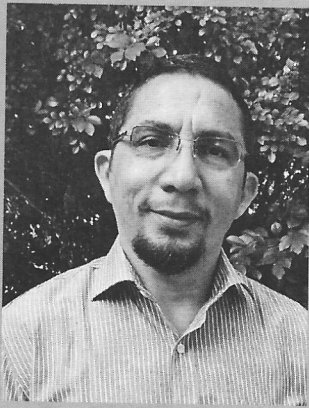
Nasci numa família típica do sertão nordestino, em um lugarzinho enclavado entre os municípios de Quixeramobim e Canindé na região central do Estado do Ceará. Tudo seria exatamente igual se meu pai não tivesse uma mania que o diferenciava de todos os matutos ali do entorno da casinha onde morávamos: gostava de ler. Era aficionado pelos livros. Quando chegava do rogado, deitava-se numa espreguiçadeira e lia para gente, em especial literatura de cordel. Cresci embalado pelos versos de Alberto Porfirio, Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Rezende e querendo ser poeta, ilustrador e autor de livros para também viajar nas asas do Pavão Misterioso!!! Hoje, com centenas de obras publicadas, creio que atingi meu objetivo, ganhei prêmios importantes, mas nenhum se compara à felicidade de ver os meus livros, textos e desenhos nas mãos de crianças e adultos de todo o Brasil e várias partes do mundo.



Nasci em Limoeiro do Norte, no Ceará. Convi durante minha infância com o universo mágico do cordel. As histórias do Pavão e de Juvenal eram minhas preferidas. A curiosidade e o gosto por histórias me fizeram escolher o curso de História. Especializei-me também em Artes Visuais. Escrevo em variados gêneros e estilos literários. Tenho cerca de 50 livros publicados, entre literatura (adulto, infantil e juvenil), didáticos e obras completadas por escolas da rede privada.

Arlene Holanda (autora)





Maércio Siqueira (ilustrador)

Nasci em Santana do Cariri, Ceará, em 21/11/1977. Moro em Crato-CE desde os cinco anos. No Curso de Letras, em 1999, conheci o maravilhoso mundo da literatura de cordel, e passei a escrever alguns folhetos, vindo a ser membro da Academia dos Cordelistas do Crato. Nessa mesma época aprendi a fazer xilogravura, essa importante arte plástica nordestina e universal. Tive a honra de ilustrar muitas capas de cordel e vários livros, como este incrível trabalho de Klévisson Viana e Arlene Holanda.